



CORPO(RALIDADE)S DISSIDENTES E EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA CRÍTICA: DIÁLOGOS DECOLONIAIS

Wilker Ramos-Soares (PG)^{1*} w.rsp@outlook.com, Viviane Pires Viana Silvestre (PQ)².

^{1 2} Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Ciências Socioeconômicas e Humanas.
Av. Juscelino Kubitschek, 146 – Jundiá – Anápolis – GO. CEP: 75.110.390. Fone: (62) 3328-1128

Resumo: Neste estudo em desenvolvimento, intenciono problematizar possíveis performances discursivas d@s participantes em uma oficina-colaborativa sobre corporalidades dissidentes e práticas de resistência (re)construídas via língua(gem). As praxiologias que sustentam este trabalho se interseccionam com a inter/transdisciplinaridade da Linguística Aplicada crítica (MOITA LOPES, 2006), com ênfase nos estudos decoloniais (MIGNOLO, 2003; QUIJANO, 2009; WALSH, 2014) e da educação linguística crítica (CAVALCANTE, 2013; FRANK, 2019; PESSOA, 2019; SILVESTRE, 2017). Acredito que a partir da perspectiva decolonial, a educação linguística crítica assume enorme responsabilidade no enfrentamento a injustiças sociais que (de)marcam corporalidades, possibilitando que práticas de resistências possam engajar @s participantes da oficina criando possibilidade de serem engendradas práticas outras, um modo de ação com potencial de transformar a realidade em que vivemos.

Palavras-chave: Corpo. Performatividade. Decolonialidade. Práticas Sociais.

Introdução

A Educação Linguística Crítica tem, diariamente, reiterado seu compromisso em promover justiça social que garantam espaços de fala negados a corpos dissidentes, em contextos escolares e fora deles. Percebendo a língua(gem) como constitutiva das identidades, nos leva a contestar e problematizar visões fundamentalistas e essencialistas no entendimento da intrínseca relação entre língua(gem), sociedade e subjetividade. Zygmunt Bauman (2010 p. 84) ressalta ainda que essa cultura está inserida em um contexto de capitalismo parasitário (que nos faz de hospedeir@s¹ e nos destrói), nos alertando sobre os “olhares dessa sociedade [que] estão voltados para o corpo e há uma constante tentativa de fechar as fronteiras ou limitar ao mínimo a entrada de corpos estranhos”.

¹ Por uma insurgência decolonial, opto pelo uso de “@” para marcação inclusiva de gênero porque, em consonância com Marra e Rezende (2018), acredito que esse símbolo desafia as relações de poder e desnaturaliza as construções dicotômicas que circunscrevem a compreensão do gênero social refletido na escrita.





À vista disso, interessa-me compreender a seguinte interrogação no campo da Educação Linguística Crítica: Quais práticas de resistência a discursos hegemônicos/coloniais sobre corporalidades dissidentes podem emergir nas performances discursivas d@s envolvid@s na pesquisa (participantes, colaborador@s e pesquisador)?

Ao suscitar essas provocações, concordo com Alastair Pennycook (1998, p. 28), quando fala que “se no ensino de línguas normalmente prevalece a neutralidade e não se discutem as desigualdades sociais, tais desigualdades tendem a ser reforçadas no mundo”. Desta forma, nossa ação como educador@s lingüístic@s pode ser uma perspectiva promissora para um ensino-aprendizagem mais justo e igualitário (FRANK, 2019).

Material e Métodos

A proposta deste estudo é uma pesquisa aplicada e exploratória alicerçado na abordagem metodológica de pesquisa qualitativa (DENZIN; LINCOLN, 2006; 2018), o que explicitará o conjunto de práticas interpretativas, materiais e recursos que serão utilizadas no desenvolvimento deste estudo. Destaco que a opção por essa abordagem tem o intuito de ressaltar a natureza socio-histórica-culturalmente construído da realidade de investigação, e que as (re)construções de sentido que serão problematizadas não podem ser quantificadas

Enquanto proposta metodológica, serão adotados os aspectos essenciais da pesquisa-ação (SILVESTRE, 2017) por evidenciarem o caráter democrático de produção de conhecimentos entre @s participantes, @s colaborador@s e o pesquisador, sendo que “os significados construídos no processo de investigação conduzem à ação social, ou ainda essas reflexões sobre a ação levam a construção de novos significados” (GREENWOOD; LEVIN, 2006, p. 102).

Discussões

Entendo que as praxiologias construídas no âmbito da Linguística Aplicada crítica são localizadas, ou seja, pesquisador@s e suas subjetividades são fundamentais. Assim sendo, as praxiologias que sustentam este estudo se interseccionam com o vasto campo inter/transdisciplinar da LA crítica, em que





pretendo traçar compreensões e discussões com as produções de Moita Lopes (2006), Rajagopalan (2006), entre outr@s.

Para vincular com a educação linguística crítica, tomo como respaldo os estudos de Pennycook (2001; 2006), Silvestre (2008; 2017a; 2017b), Cavalcante (2013), Pessoa (2013; 2019), Frank (2018; 2019) entre outr@s. Por outro lado, ainda acredito ser pertinente para esse estudo discussões sobre esforços decoloniais, perfazendo diálogos com Mignolo (2003), Quijano (2005; 2009), Grosfoguel (2009), Santos (2009; 2011), Walsh (2014), entre outr@s.

Percebo os esforços decoloniais como “práticas insurgentes que fraturam a modernidade/colonialidade e tornam possível outras maneiras de ser, estar, pensar, saber, sentir, existir e viver” (WALSH, 2013, p. 19). Assim, compreendo que é necessário um olhar sensível para as corporalidades dissidentes que as possibilite outras formas de ser, estar, pensar, saber, existir e viver para além do que foi/é imposto a elas.

Considerações Finais

Considerando que o referencial hegemônico de corporalidade cria um abismo entre práticas de (re)existências, excluindo, inferiorizando, ridicularizando algumas performances corporais em detrimento de outras; engendrar as práticas de resistências a discursos hegemônicos/coloniais sobre corporalidade dissidentes não é só de legitimar *espaços de fala*, tal como posto por Silvestre (2017), mas criar possibilidade de vida e existências a corpos que são cotidianamente silenciados, apagados, agredidos e mortos na sociedade.

Desta forma, vejo como necessário que preparemos uma agenda de investigação dentro dos estudos da linguagem que possa prever “um novo modo de produzir conhecimento com implicações sobre as mudanças na sociedade” (MOITA LOPES, 2006, p. 90). Urge, então, a promoção de estudos que abordam de forma interseccionadas corporalidades em programas de *stricto sensu* e que façamos com que essas discussões estejam presentes nas salas de aula, nos grupos de estudos e demais espaços formativos, como uma maneira de deixarmos o ambiente escolar mais saudável e menos tóxico para tidos como corpos dissidentes transitarem.





Considerando o que foi apresentado acredito que a partir da perspectiva decolonial, a educação linguística crítica assume enorme responsabilidade no enfrentamento a injustiças sociais que (de)marcam corporalidades, podendo engajar @s participantes das oficinas, educador@s linguístic@s em formação universitária, criando a possibilidade de serem engendradas práticas outras, um modo de ação com potencial de mudar ou transformar a realidade em que vivemos.

Agradecimentos

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG) pela concessão de bolsa ao primeiro autor, à Universidade Estadual de Goiás, ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias e a Profa. Dra. Viviane Pires Viana Silvestre por estar orientando esta pesquisa.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Capitalismo parasitário*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

CAVALCANTI, Marilda do Couto. Educação linguística na formação de professores de línguas: intercompreensão e práticas translíngues. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). *Linguística Aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani*. São Paulo: Parábola, 2013, p. 2011-226.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Ed.). *The landscape of qualitative research*. 5th ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2018.

_____. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. In: *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2006.

FRANK, Hélio. De/Colonização, gênero e educação linguística. In: Márcio Evaristo Beltrão; Solange Maria de Barros. (Org.). *Transgressão como prática de resistência: um olhar crítico sobre os estudos queer e a socioeducação*. 1ed. Cuiabá: Edufimt, 2019, v. 1, p. 17-30.

GREENWOOD, Davydd. J.; LEVIN, Marvin. Reconstruindo as relações entre as universidades e a sociedade por meio da pesquisa-ação. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 91-114.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade





global. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Org.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2009. p. 383-418.

MARRA, Daniel da Silva.; REZENDE, Tânia Ferreira. Desobediência linguística: por uma epistemologia liminar que rasure a normatividade da língua portuguesa. *Porto das Letras*, v. 4, n. 1, p. 174-202, 2018.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Gênero, sexualidade, raça em contexto de letramentos escolares. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Linguística Aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani*. São Paulo, Parábola Editorial, 2013. p.227-247.

PENNYCOOK, Alastair. A linguística aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda do Couto. (Org.). *Linguística Aplicada e transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 23-49.

_____. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. da. (Org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 67-84.

PESSOA, Rosane Rocha. Gêneros e sexualidades no ensino de línguas estrangeiras e na formação de professoras/es. In: FERRAZ, D. de M.; KAWACHI-FURLAN, C. J. (Org.). *Bate papo com educadores linguísticos: letramentos, formação docente e criticidade*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019. p. 35-53.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Org.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2009. p. 73-118.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Repensar o papel da linguística aplicada. In: MOITA LOPES, L. P. da. (Org.). *Por uma linguística aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 149-155.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Práxis da Ecologia de Saberes: entrevista de Boaventura de Sousa Santos [24 de outubro. 2013]*. Brasília, DF. IN: Tempus, actas de saúde colet. Jun. p. 331-338. 2011.

SILVESTRE, Viviane Pires Viana. Uma proposta de pesquisa-ação colaborativa na formação universitária de professores/as de língua(s). In: SABOTA, B. SILVESTRE, V. P. V. (Org.). *Pesquisa-ação & formação: convergências no estágio supervisionado de língua inglesa*. Anápolis: Editora UEG, 2017. p. 21-41.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir, reviver. In: CANDAU, V. M. (Org.). *Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. p. 12-42.

